

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/1517-0306a2021id5318>

ARTIGO ORIGINAL

SUBMETIDO 31/01/2021

APROVADO 26/08/2021

PUBLICADO ON-LINE 04/09/2021

PUBLICADO 30/09/2022

EDITORA ASSOCIADA

Clarissa Cecília Ferreira Alves

## Diagnóstico da relação de gênero no IFPB com enfoque no Curso Técnico em Edificações

**RESUMO:** A classe feminina vem tomando cada vez mais consciência sobre seus direitos sociais e ideias estigmatizadas nas mais diversas culturas que segregam os papéis masculino e feminino. Seguindo essa linha de raciocínio e instigada pela necessidade de entender o problema das relações misóginas que circundam a formação em Edificações no universo feminino, assim como o preconceito velado que está presente no dia a dia, por intermédio de dados, busca-se identificar se o IFPB – Campus Patos está nessa realidade. A pesquisa está dividida em duas etapas: estudo de gênero nos projetos de pesquisa e extensão do *campus* e levantamento de dados sobre o tema, para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Direcionada a entender gênero na Educação no Campus Patos, sobretudo no Curso Técnico em Edificações, a pesquisa mostra como essa relação social muda ao longo dos anos. Deste modo, proporciona-se um diagnóstico do Curso de Edificações do Campus Patos.

**Palavras-chave:** educação; feminismo; gênero.

### *Diagnosis of the gender relationship at the IFPB with a focus on the Technical Course in Buildings*

**ABSTRACT:** *The female class has become increasingly aware of their social rights and the ideas stigmatized in the most diverse cultures that segregate male and female roles. Following this line of reasoning and instigated by the need to understand the problem of misogynistic relationships that surround the formation of Buildings in the female universe, as well as the veiled prejudice that is present in everyday life, through data, we seek to identify whether the IFPB – Campus Patos is in this reality. The research is divided into two: study of gender in the research and extension projects on the campus, and data collection on the subject for the Final Course Paper (TCC). Aimed at understanding gender in education at Campus Patos, especially in the Technical Course in Buildings, the research shows how this social relationship changes over the years. In this way, a diagnosis of the Building Course on the Patos campus is provided.*

**Keywords:** *education; feminism; gender.*

 Kecia Nóbrega Andrade <sup>[1]</sup>

 Ana Luíza Félix Severo <sup>[2] \*</sup>

[1] [kntrabalhos@gmail.com](mailto:kntrabalhos@gmail.com). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Brasil.

[2] [analuzafelix@yahoo.com.br](mailto:analuzafelix@yahoo.com.br). Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Brasil.

\*Autor para correspondência.

## 1 Introdução

Historicamente, as mulheres tiveram que conquistar o seu espaço por meio da luta de classe feminista para ingressar tanto em instituições de ensino como no mercado de trabalho. Contudo, ainda existem muitos paradigmas a serem desconstruídos, como a associação feminina às profissões que envolvam o cuidado com o outro, ou que remetam a serviços domésticos, e a visão de profissões ou cursos voltados para o masculino, por exemplo, tecnologias e ciências exatas.

Vê-se na história, a submissão da mulher ao homem; em tempos mais remotos, totalmente educadas para fazer tarefas como bordar, cozinhar, cuidar do cônjuge e dos impúberes. Por outro lado, quando decidiam não casar com os pretendentes tradicionalmente escolhidos pela autoridade paterna, tinham como alternativa os conventos, onde elas eram alfabetizadas.

No Brasil, o primeiro passo para a inclusão feminina na educação formal veio com a implantação do sistema público de instrução, que se deu por meio do Decreto Federal nº 7.247, de 19 de abril de 1879 (BRASIL, 1879), o qual sancionou o direito à Educação para todos os cidadãos. Dessa forma, a grande demanda de discentes e o fato de que estes só poderiam ter tutores do mesmo sexo que o seu foram circunstâncias que abriram vagas para as mulheres atuarem profissionalmente nas escolas normais.

A década de 1990 é considerada um marco para a classe feminista, tendo em vista a grande inserção na educação formal, sendo registrado pela primeira vez um nível de escolaridade maior que a masculina. Ressalta-se, entretanto, que houve poucas políticas de inclusão ou incentivo para tal progresso.

No que diz respeito à esfera institucional, este trabalho visa estudar a relação entre Gênero e Educação no Curso de Edificações do IFPB – Campus Patos. Por ter status de instabilidade, esse é um tema que desperta interesse para pesquisas que questionam as possíveis teorias, com a finalidade de obter resultados e propor soluções para o óbice do ingresso feminino no ensino formal.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de estudar Gênero e Educação no IFPB – Campus Patos, tendo em vista a carência de trabalhos que abordem o tema naquela instituição, e como isso pode afetar a relação de mudança de paradigma cultural, isto é, a equidade de gênero.

A motivação pessoal para a pesquisa veio por meio do vínculo direto da autora com o tema abordado e a discriminação social sobre sua escolha de curso. Além disso, a ojeriza de um docente da área de tecnologia para com as discentes também instigou o estudo dessas barreiras existentes acerca de gênero e educação no Curso de Edificações no IFPB – Campus Patos, objeto deste estudo.

Presenciar cenas de repulsa de um preceptor ao se referir à atuação profissional feminina na área abrangida pelo Curso de Edificações gerou interesse em conhecer como, administrativamente, as discentes têm reagido diante desse comportamento reiterado por alguns docentes do sexo masculino. Além disso, acompanhar o relato de uma colega sobre a tormenta por que passou, causada por um docente, bem como perceber a evasão de discentes do sexo feminino geraram a reflexão sobre se tais problemáticas seriam motivadas por ações misóginas.

Por fim, a autora busca com este trabalho colaborar para a progressão da democratização do acesso de gênero no Curso Técnico em Edificações no IFPB, contribuindo, assim, para a valorização das mulheres no mercado de trabalho, que ainda se apresenta com superioridade masculina.

Nesse sentido, pretende-se proporcionar a reflexão às mulheres sobre os problemas do mercado de trabalho como tema fundido nas questões de gênero e que se concretiza entre tantos outros comportamentos da coletividade, ao se colocar o homem em posição de superioridade.

Assim sendo, a pesquisa busca desconstruir as ideias tidas como verdadeiras em relação a tal assunto e impostas pela sociedade, exibindo de forma clara, por meio da exposição de dados, a organização institucional do IFPB – Campus Patos.

Espera-se ainda atrair a atenção para as questões negligenciadas pela sociedade patriarcal. Além disso, pretende-se possibilitar futuras pesquisas, que possam vir a complementar esta, na expectativa de que dados posteriores ajudarão a entender o processo institucional, no que diz respeito a gênero e educação, ao longo do tempo.

Nos últimos dez anos, o IFPB – Campus Patos teve um grande fluxo de ingresso e egresso de discentes, sendo possível notar, conseqüentemente, reflexos sociais. Com isso, a proporção de matrículas, evasão e conclusão no curso sobre o qual tratamos pode mostrar o comportamento das mulheres em relação a fatos sociais que as enquadram em papéis “femininos” em outra perspectiva.

A formação em Edificação engloba as subáreas da Engenharia Civil, cujos profissionais atuam diretamente em obras e/ou projetos. Este fato faz com que a discriminação de gênero se acentue ainda mais, por ser um curso tecnológico, e em decorrência do enraizamento do senso comum social de que mulheres devem optar por profissões que estejam voltadas ao cuidado com o outro.

Observando este aspecto, Carvalho e Rabay (2013) tabularam e apresentaram a taxa de graduados, por gênero, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no Curso de Engenharia Civil, com 35 (77,8%) sendo homens e 10 (22,2%) mulheres, no ano de 2010. Pode-se relacionar esses dados com o Curso de Edificações ao perceber a discrepância entre a quantidade de profissionais dos sexos masculino e feminino.

Os problemas de gênero relacionados ao Curso de Edificações estão enraizados na sociedade, de forma a se tornarem (des)percebidos. Neste sentido questionamos: como deve ser pensada a relação de gênero no Curso Técnico em Edificações do IFPB – Campus Patos, tendo em vista a construção social dos papéis, especialmente quando se trata de educação formal?

Assumindo a perspectiva de que não há como pensar em um corpo social justo sem priorizar o próximo, ou abrir mão de regalias e privilégios, as mulheres precisam superar as relações de poder que são refletidas nas várias esferas institucionais.

Para que a pesquisa se consolide, é preciso trazer os objetivos. Tem-se como objetivo geral analisar as relações de gênero no Curso Técnico em Edificações, nas ações de pesquisa e de extensão, no IFPB – Campus Patos, no período de 2009 a 2019. Os objetivos específicos se perfazem em: i) Compreender gênero na área de ensino do referido curso; ii) Demonstrar o desenvolvimento da área temática sobre gênero na instituição citada.

A metodologia da pesquisa partiu da coleta de dados em projetos desenvolvidos nas Coordenações de Pesquisa e de Extensão do IFPB – Campus Patos. Assim, foi feita a busca conjunta entre a pesquisadora e o coordenador de cada setor, fazendo uma seleção dos projetos que foram publicados até o ano de 2019, compreendendo as palavras-chave “gênero” e “educação”. A localização de cada estudo foi feita virtualmente pelo Sistema Unificado de Administração Pública (Suap). Após a seleção dos projetos que se enquadraram no perfil, houve uma análise detalhada realizada pela autora, para observar os pontos de contribuição para este estudo e para a instituição, assim como os pontos negativos frente à temática de gênero. Foram demandados dois dias (7 e 8 de dezembro de 2019) para se localizarem e se selecionarem os projetos pertinentes ao tema.

A Biblioteca Central do *campus* foi o segundo ponto de coleta de material, onde foram localizados os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) pelo mesmo critério citado anteriormente (palavras-chave: “gênero” e “educação”). Neste caso, a pesquisa foi feita manualmente em cada TCC registrado no período de 2009 a 2019, demandando dois dias para a coleta e análise desse material.

A terceira e última etapa de pesquisa de campo foi realizada no setor administrativo do IFPB – Campus Patos, onde, por intermédio de um técnico administrativo, coletou-se a relação de discentes que cursaram Edificações (de forma integrada ao Ensino Médio) na Instituição. Deste modo, o sistema Suap apresentou o número de concluídos e evadidos de cada ano do curso, por gênero, até o ano de 2019. O Suap também dispôs os dados do antigo sistema (Q/acadêmico), vigente no *campus* até o ano de 2015. Foram necessários dois dias (26 e 27 de dezembro de 2019) para a coleta, tabulação e revisão do material coletado.

Após esse processo exploratório, foi realizada a interpretação dos TCCs, fazendo uma análise detalhada do conteúdo em cada estudo/projeto e analisando quais foram os participantes e seu respectivo gênero, área de atuação na Instituição e como o tema foi tratado.

Da mesma forma, houve a interpretação dos dados relacionados ao quantitativo de discentes. Neste caso, fez-se comparação com dados semelhantes de outras instituições, assim como um *link*, ou seja, uma conexão, entre o contexto social de cada ano (ou período) e os resultados obtidos na pesquisa realizada no Campus Patos.

Assim, esse tema precisa ser trabalhado para que futuramente a relação entre gênero e educação encontre um contexto equânime.

## **2 Influência do feminismo para equidade de gênero no campo da Educação**

Por volta das décadas 1920, 1930 e 1940, as mulheres tomaram consciência de que podiam exercer papéis mais importantes na sociedade além dos que lhes eram atribuídos, começando a primeira de três “ondas” feministas. Esse primeiro período ficou conhecido como o sufrágio feminino, no qual mulheres, negros e classes sociais mais populares lutaram por igualdade para todos, reivindicando o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho.

Esses primeiros manifestos de luta pela igualdade geraram uma das primeiras grandes conquistas femininas, a aprovação da Convenção dos Direitos Políticos das Mulheres na Organização das Nações Unidas (ONU), em 1952.

Assim, desde o século XX, as mulheres lutam por seus direitos na sociedade, questionando também as raízes da cultura patriarcal, que se estruturou na década de 1960 com o termo “feminismo”. “O feminismo surgiu como um movimento político, originado de uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres” (BELO, 2010).

Entre os anos de 1960 e 1980, o Movimento Feminista ficou marcado como a onda política, reconfigurando seus objetivos, buscando derrubar todos os muros existentes na igualdade de gênero.

Neste momento, as feministas buscavam consolidar esses direitos políticos e, também, preocupavam-se com as desigualdades sociais e culturais que

estavam evidentes entre os homens e as mulheres. Neste sentido, a Frente de Liberação das Mulheres passou a ter ampla visualização nos Estados Unidos e em países circunvizinhos, seja geográfica ou culturalmente. Os protestos durante os desfiles da Miss América e a queima de sutiãs foram alguns dos atos mais marcantes deste movimento. (SANTANA, 2015, p. 38).

A filósofa estadunidense Friedan (1971) foi protagonista nessa luta, com o lançamento do livro “A mística feminina”, que denunciou o confinamento de suas conterrâneas ao lar. Sua crítica se aplica também ao Brasil, quando a realidade das 200 mulheres entrevistadas para a construção da obra é associada à vida de mulheres brasileiras, principalmente da zona urbana.

A autora reservou um capítulo o qual intitulou “A educação orientada para o sexo”, no qual ela mostra fatos do fracasso da permanência feminina na Educação Superior nos Estados Unidos. Segundo a pesquisadora, a cada três universitárias, duas desistem dos estudos antes de concluir o curso. Esse fato foi considerado, inicialmente, por Friedan (1971), como desinteresse das mulheres, em consequência da alienação para o casamento, com a pregação da ideia de que instrução para mulheres era perda de tempo, já que elas casariam e viveriam para o lar.

Posteriormente, ao escutar os depoimentos das jovens universitárias ativistas, concluiu o seguinte: “na verdade defendiam-se [as mulheres] contra as paixões impessoais da mente e do espírito, que o colégio poderia despertar, as perigosas paixões assexuais do intelecto” (FRIEDAN, 1971, p. 135). Pode-se observar a relação que se estabelece entre o coletivo e o individual, pois, por mais que as mulheres tivessem capacidade de conquistar altos níveis educacionais, elas eram ensinadas que esse era um papel masculino e, após o casamento, destino o qual deveriam almejar, de nada lhes serviria uma educação de alto nível acadêmico.

Na década de 1990, começa a terceira onda do feminismo, conhecida como onda do ogedismo, que perdura até os dias atuais. Santana (2015) consolida a importância que esse movimento tomou para a Educação, com a contemplação do gênero nos Parâmetros Curriculares Nacionais no Ensino Fundamental. O autor ressalta ainda a implantação do Plano Nacional em Direitos Humanos, que contribui para o debate da equidade de gênero em instituições de ensino.

Deste modo, entende-se que o feminismo agregou muita força para a conquista da equidade de gênero, embora ainda haja muito a ser feito para que as mulheres alcancem direitos iguais.

### **3 A mulher na educação formal profissionalizante**

A escolha do curso que fará o indivíduo um profissional das mais diversas áreas do conhecimento, muitas vezes, não é uma tarefa fácil, especialmente quando se refere ao sexo feminino. O tema em questão incita a reflexão sobre a diferença entre sexo e gênero.

Analisando-se a teoria de Scott (1995), compreende-se a abordagem da autora sobre o gênero, interpretado como a relação entre os sexos do ponto de vista biológico, representando os papéis masculinos e femininos como limites impostos pela sociedade. Assim, alguém será considerado do gênero feminino se tiver o órgão reprodutor feminino, atrelando-se, automaticamente, deveres e responsabilidades femininos a essa pessoa.

Para Scott (1995), a diferença de sexos é motivação para a dominação e o controle sobre as mulheres, embora deixe claro, entretanto, que o sexo feminino tem conhecimento

das relações de poder. A autora afirma ainda que a ênfase no gênero para a hierarquia do poder masculino sobre o feminino é, ainda que implícita, bastante presente.

Assim, o mundo contemporâneo ainda se baseia na hierarquização de poder estabelecida pelo homem. Para exemplificar, pode-se observar a inclinação feminina em optar por cursos que remetem ao cuidado com o outro, enquanto homens escolhem as engenharias e cursos tecnológicos. Carvalho e Rabay (2013) tabularam essa relação referente ao ano de 2010, onde as mulheres ocupavam 92% dos graduados em Pedagogia, 97,1% em Serviço Social e apenas 22,2% em Engenharia Civil.

Historicamente, é possível notar a inserção progressiva das mulheres na educação escolar ou acadêmica, porém de maneira segregada, como se pode observar com Carvalho e Rabay:

A história da educação da mulher se caracteriza pela exclusão e inclusão progressiva (*sic*), porém segregada: escolas ou classes separadas, ramos do ensino ou áreas curriculares distintas, restrição a certas matérias representadas como extensão do trabalho produtivo doméstico. (CARVALHO; RABAY, 2013, p. 12).

É importante alertar para o fato de que a exclusão feminina deixou de ser no acesso à educação e passou a acontecer na forma de segregação da informação, marcando o século XIX como de desestímulo para mulheres em certas áreas do conhecimento. Isso se dá, pois, apesar da quebra das barreiras formais para o ingresso feminino no século XX, ainda existiam as questões coloquiais presentes na sociedade. Entre 1906 e 1917, segundo Beltrão e Teixeira (2008 *apud* CARVALHO; RABAY, 2013), as mulheres representavam apenas 1,5% das estudantes no país, o que resultava em uma pequena parcela que conseguia obter formação profissional.

Em uma pesquisa conjunta feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), pela ONU Mulheres, pela Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) e pela Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em 2011, foi apresentado que “em 2009, a taxa de escolarização das mulheres no ensino superior era de 16,6%, enquanto a dos homens, de 12,2%” (IPEA, 2011). Com isso, apesar de ser aparente o aumento da classe feminina na educação formal, em relação ao homem, e na sociedade como um todo, ainda se vê a presença de desigualdade, o qual limita a progressão do ingresso das mulheres nessa Educação.

No Censo da Educação Básica disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019), mostra-se que, em 2018, houve um aumento de 5,5% de matrículas, em relação a 2017, na Educação Profissional integrada ao Ensino Médio, a qual engloba o nível técnico. Além disso, as turmas desse tipo de formação estão compostas, em sua maioria, por alunos com menos de 30 anos. Nesse nicho, a mulher está em maior predominância em todas as faixas etárias, exceto a dos alunos com 60 anos ou mais (INEP, 2019). Com isso, vê-se a predominância feminina nos níveis de escolaridade profissional.

Para complementar, observam-se os dados de um estudo realizado no Instituto Federal de Sergipe (IFS), o qual mostra que, de 2013 a 2015, o sexo feminino foi a maioria ingressante no Curso Técnico em Edificações. O estudo também revelou que essa é a parte a possuir maior entendimento sobre as atribuições do referido curso (SILVA; COSTA; GOMES NETO, 2016).

Com isso, é possível observar que as mulheres que concluíram o Ensino Médio recentemente enxergam as possibilidades de curso de maneira satisfatória ao seu desejo profissional. Outrossim, houve progressões significantes nas últimas décadas em âmbitos



educacionais brasileiro, contudo, ainda existem défices consideráveis, sobretudo no acesso à educação de nível técnico e superior, como foi exposto por meio de dados anteriormente.

## 4 Estudos de gênero no IFPB – Campus Patos

Esta seção expõe como Gênero e Educação são trabalhados no IFPB – Campus Patos, em Pesquisa, Extensão e Ensino nos TCCs. Todas as pesquisas e projetos que estão registrados no arquivo do Campus Patos foram distribuídos em subtópicos.

Dessa forma, ou seja, em subtópicos, também serão apresentadas as informações, por ano letivo – 2009 a 2019 – e gênero dos alunos que se enquadram na situação de ingressos, evadidos e concluintes do Curso Técnico em Edificações.

### 4.1 Projetos de pesquisa sobre gênero

O IFPB – Campus Patos conta, entre muitas outras ligadas à Diretoria de Ensino, com a Coordenação de Pesquisa, responsável pelos assuntos pertinentes à área. Essa Coordenação já contou com a contribuição de seis coordenadores: três do gênero masculino e três do feminino. Desde o mês de fevereiro de 2020 até a data da produção desta pesquisa, a Coordenação está sob a responsabilidade de uma bióloga, a Professora Dra. Renata Drummond Marinho Cruz.

Assim como em todos os *campi* do IFPB, a Coordenação de Pesquisa divulga editais, os quais permitem que qualquer docente do quadro efetivo do IFPB submeta projeto de pesquisa, cumprindo as especificidades exigidas – alguns oferecem bolsa para discentes. Há também os editais de fluxo contínuo (não oferecem bolsa para discentes), que permitem que docentes efetivos, substitutos ou temporários do IFPB submetam projetos. Em ambas as situações exige-se currículo atualizado na plataforma Lattes, gerida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em dez anos (2009-2019) de efetivação do Campus Patos, a Coordenação de Pesquisa tem registro de apenas um projeto que aborda a temática gênero. Esse estudo foi intitulado “Leituras literárias contemporâneas e crítica de gênero: signos de empoderamento, sororidade e empatia na escrita de Chimamanda Ngozi Adichie”, realizado pelas discentes Jéssica Kelly dos Santos Hermínio e Paloma Mahely da Silva Ribeiro, respectivamente dos Cursos Técnicos Integrados em Edificações e em Informática, e coordenado pela professora Zuíla Kelly da Costa Couto Fernandes de Araújo. A pesquisa abordava as representações das obras de Chimamanda Ngozi Adichie, ressaltando o posicionamento da autora e seus questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade (ARAÚJO, 2019).

O estudo teve duração de nove meses (abril a dezembro de 2019) e seu relatório final foi publicado em dezembro de 2019. Esse projeto foi compartilhado na Semana de Ciência e tecnologia (SECITEC) promovida pelo *campus* e aberta ao público; também foi exposto no VI Congresso Nacional de Educação e no VI Encontro Internacional de Jovens Investigadores (JOIN), no ano de 2019. Deste modo, o projeto sobre Chimamanda disseminou o estudo feminista impactando um público interno e externo ao *campus* e à instituição IFPB.

Reconhece-se que o projeto cooperou de forma significativa para o IFPB, contribuindo na luta das mulheres. Assim, entende-se que a contribuição desse estudo para a Instituição se deu, principalmente, no campo da representatividade feminina, uma vez que se trata

de uma escritora negra que teve suas obras explanadas e defendidas por um corpo de pesquisadoras do gênero feminino.

Desse modo, o projeto buscou também contribuir para o desenvolvimento do senso social das discentes que colaboraram com a pesquisa, além de enriquecer o acervo de fontes para a pesquisa no *campus*.

No subtópico seguinte, será possível refletir sobre os aspectos de Gênero e Educação na subárea da Extensão, para mostrar como o IFPB – Campus Patos representa e é representado por seu corpo discente e docente.

#### 4.2 Projetos de extensão sobre gênero no IFPB

No IFPB – Campus Patos também há a Coordenação de Extensão, que responde pelos assuntos pertinentes à conexão entre o conhecimento acadêmico e as comunidades envolvidas nas ações educativas e sociais desse setor. Nessa Coordenação já houve quatro gestores: dois do gênero feminino e dois do masculino. Atualmente, a Coordenação está sob a responsabilidade do servidor Leonardo Navarro Fernandes Freire, com Portaria de designação de cargo publicada em agosto de 2018.

Em relação à submissão de projetos de Extensão, são seguidos os mesmos critérios da Coordenação de Pesquisa, citados anteriormente.

A Coordenação de Projetos de Extensão do *campus* apresenta em seus registros um trabalho intitulado “Diagnóstico rápido participativo através de ações integradoras no âmbito das relações de gênero, juventude e melhor idade, no distrito de Santa Gertrudes, distrito de Patos-PB”, executado entre junho e dezembro de 2018, aplicado pelo aluno do Curso de Manutenção e Suporte em Informática, Gabriel Candeia Leite, e pela docente, também Coordenadora, Brígida Lima Candeia (CANDEIA, 2018).

O projeto de extensão proporcionou e desenvolveu discussões sobre temáticas envolvendo gênero e geração, a fim de fortalecer o empoderamento de jovens e mulheres. Uma das ferramentas de estudo utilizadas foi a oficina. A primeira foi voltada unicamente para questões de gênero e feminismo, ressaltando o papel de liderança da mulher na comunidade. O principal objetivo do estudo, contudo, foi definir o perfil social, econômico e ambiental da comunidade, por meio de dados resultantes da aplicação de questionários e da realização de entrevistas.

É relevante observar que a docente fez a ligação de estudos feministas com sua área de formação, que é agronomia, a qual não é considerada de atuação feminina. Ainda que não esteja expressamente posto que essa área seja exclusividade do universo masculino, não é difícil observar que isso ainda se dá dessa forma. Então, também sem dificuldade, esse projeto de extensão pode ser visto quebrando os paradigmas que são sistematicamente estabelecidos pela instituição “escola”, como escreveu Louro:

A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 1997, p. 57).

Com isso, tem-se um exemplo positivo da atuação feminina nas mais diversas áreas do conhecimento e participação na luta da emancipação da mulher na sociedade contemporânea, sendo exemplo para as jovens que participaram do estudo e para a comunidade na qual estão inseridas.



### 4.3 Ingresso, evasão e conclusão por gênero no IFPB

O setor administrativo do IFPB – Campus Patos tem seu endereço físico no bloco administrativo do *campus* e tem como diretor Ivamar Dantas da Nóbrega, desde novembro de 2014, mantendo-se até a data do presente estudo. A indicação para o cargo é feita pelo diretor-geral do *campus* e a nomeação pelo Reitor da Instituição.

Todos os dados a seguir foram fornecidos pelo setor administrativo do *campus*, a partir de consulta no sistema SUAP, ambiente onde essas informações são disponibilizadas apenas para a administração. O acesso ao sistema é possível apenas por *login* cadastrado virtualmente.

A primeira turma do Curso Técnico em Edificações no IFPB – Campus Patos iniciou no ano de 2009. Deste modo, estava inserida no contexto social do atual século XXI, que, influenciado pelas revoluções do século XX, trouxe importantes avanços contrários à cultura de submissão feminina imposta à mulher, como a procriação, por exemplo. Bruschini (2007) mostra um pouco dessa relação frente à educação e ao mercado de trabalho.

A escolaridade mais elevada das trabalhadoras corresponde à da população em geral. Nesta, pode-se constatar que o predomínio feminino ocorre a partir do ensino médio, ou seja, de 9 a 11 anos de estudo. Em 2005, 26% das mulheres, ante 24% dos homens, estão nessa faixa. (BRUSCHINI, 2007, p. 10).

A Tabela 1 indica o número e a porcentagem dos discentes ingressantes no Curso Técnico Integrado em Edificações por gênero e por ano. Os dados tabulados foram obtidos no sistema Suap e disponibilizados pela administração do *campus*.

**Tabela 1** ►

Ingressos no Curso Técnico em Edificações Integrado Ao Ensino Médio por sexo.

Fonte: Sistemas Q/Acadêmico e SUAP do IFPB – Campus Patos, 2019. Dados da pesquisa<sup>1</sup>

Ano	F		M		Total/ano
	Nº	%	Nº	%	
2009	-	-	-	-	-
2010	9	36	16	64	25
2011	14	33,3	28	66,6	42
2012	21	55,2	17	44,7	38
2013	19	48,7	20	51,2	39
2014	22	57,8	16	42,1	38
2015	20	52,6	18	47,3	38
2016	26	55,3	21	44,6	47
2017	34	66,6	17	33,3	51
2018	23	47	26	53	49
2019	25	51	24	49	49
Total	213	51,2	203	48,8	416

[1] O sistema Q/Acadêmico não apresenta os dados de ingresso do ano de 2009, que corresponderia aos ingressos no curso de Edificações desse ano (Tabela 1).

Desse modo, ao analisar os dados coletados no Campus Patos, vê-se o avanço da comunidade feminina na construção civil e em um curso que não se encaixa nos padrões sociais designados para elas. Vale destacar a primeira de sucessivas predominâncias femininas no curso citado, no ano de 2012, conforme a Tabela 1, no qual mais de 55% dos estudantes ingressantes foram mulheres.

Vale ressaltar que a primeira presidenta do Brasil assumiu o cargo no ano anterior (2011) a esse predomínio feminino no Curso de Edificações no IFPB – Campus Patos. Esse predomínio se tornou recorrente nos anos posteriores.

Os dados da Tabela 2 apresentam outro aspecto positivo e significativo: uma sutil discrepância de evasão em relação ao gênero, mostrando equilíbrio nos números, a exemplo do ano de 2011 – evasão de uma mulher e de um homem no curso, constatando a paridade em relação a essa categoria.

**Tabela 2** ►

Evadidos do Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio por sexo.  
Fonte: *Sistemas Q/Acadêmico e SUAP do IFPB – Campus Patos, 2019. Dados da pesquisa*<sup>2</sup>

Ano	M	H	Total/ano
	Nº	Nº	Nº
2009*	-	-	-
2010	1	0	1
2011	1	1	2
2012	0	2	2
2013	5	1	6
2014	3	6	9
2015	6	3	9
2016	4	2	6
2017	1	1	2
2018*	-	-	-
2019*	-	-	-
Total/gênero	21	16	37

[2] O sistema Q/Acadêmico não apresenta os dados de ingresso do ano de 2009, 2018 e 2019, que corresponderiam aos evadidos no curso de Edificações desses anos (Tabela 2).

Para análise do contexto educacional em nosso país, no ano de 2012, é importante chamar a atenção para o quantitativo de anos de estudos da população brasileira. Esse quantitativo, para indivíduos entre 18 e 25 anos de idade, passou de uma média de 7,9 anos de estudo completos em 2001 para 9,6 em 2011. Ademais, o percentual de pessoas com 11 anos ou mais de estudos dentro da mesma faixa etária citada, em um recorte da região Nordeste, apresenta uma predominância feminina de 50,6% e 37,1% dos homens (IBGE, 2012).

Ainda existem aspectos que, contudo, permanecem iguais, tais como o preconceito que muitas mulheres sofrem por seguir determinada área profissional, tanto nas instituições onde estudam como no mercado de trabalho.

Beltrão e Teixeira (2004 *apud* CARVALHO; RABAY, 2013) dizem que, no processo inclusivo da classe feminina, houve impedimento e/ou desestímulo a ingressarem em certas áreas do conhecimento e a buscarem profissões que se mostraram como continuidade de domínio masculino, seguindo a visão de que meninas devem dedicar-se a atividades como costura, por exemplo.

Em contrapartida, percebe -se que Beltrão e Teixeira (2004 *apud* CARVALHO; RABAY, 2013) mostram a atualidade em um contexto de quebra desses paradigmas, embora muitos conceitos e escolhas ainda não estejam totalmente desvinculados de aspectos do patriarcado. Assim, analisando-se a Tabela 2, vê-se uma queda na quantidade total de evasão do Curso de Edificações, com 37 evadidos no período de 2010 a 2017. Entre os evadidos, são encontrados quatro indivíduos do gênero feminino.

Com base nestas informações, ainda que breves, vê-se que o século XXI tem mostrado o desprendimento das barreiras formais para ingresso das mulheres em qualquer curso, independente da área do conhecimento ou atuação. Segundo Carvalho e Rabay, porém:

Persistiu a ramificação (*tracking*) de sexo e gênero na educação profissional, em cursos técnicos secundários e em cursos superiores, com reflexos no mercado de trabalho, onde as mulheres ainda se encontram concentradas em guetos ocupacionais e continuam ganhando menos do que os homens. (CARVALHO; RABAY, 2013, p. 12).

Assim, os dados de evasão do Curso de Edificações, conforme apresentado na Tabela 2, e o pensamento de Carvalho e Rabay (2013) mostram que realmente não existem barreiras formais entre gênero e cursos de qualquer natureza, contudo, ainda persiste a segregação social que circunda a problemática.

A Tabela 3 indica o resultado final do processo de formação de profissionais no IFPB – Campus Patos, mostrando índices positivos para as mulheres, as quais representam mais de 50% dos técnicos em Edificações formados.

**Tabela 3** ►

Concluídos no Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio por sexo. Fonte: Sistemas Q/Acadêmico e SUAP do IFPB – Campus Patos, 2019. Dados da pesquisa<sup>3</sup>

Ano	M	H	Somatório/ano
	Nº	Nº	Nº
2013	3	5	8
2014	13	8	21
2015	11	11	22
2016*	-	-	-
2017*	-	-	-
2018	10	12	22
2019**	8	5	13
Total/gênero	45	41	86

[3] O sistema Q/Acadêmico não apresenta os dados de conclusão dos anos de 2016 e 2017; no período de coleta dos dados, os números do ano de 2019 não estavam atualizados.

Destaca-se, na Tabela 3, o ano de 2015, por mostrar um número exatamente igual de formandos dos gêneros feminino e masculino. Em 2014, também se destaca o feminino, uma vez que a quantidade de técnicas em Edificações é superior à dos técnicos. Deste modo, esse último quantitativo é fruto das turmas de 2011 e 2012, anos que foram bem importantes para o empoderamento feminino na política e em termos sociais.

Apesar de esses números representarem um positivo avanço institucional, não se pode dizer que tal progresso se deu em âmbito nacional, uma vez que, de todo o território brasileiro, está sendo analisada a amostra de apenas uma escola e de um curso (IFPB – Campus Patos).

Carvalho e Rabay (2013) dissertam sobre a responsabilidade e má gerência das instituições de ensino na elaboração de seus currículos, causando ou reforçando esse tipo de discriminação. Segundo as estudosas,

[...] cabe destacar que as trajetórias formativas distintas de rapazes e moças são um produto principal das escolas (do seu currículo e práticas pedagógicas). A escola que incluiu as mulheres, em todos os níveis, é uma instituição conservadora e ainda não foi transformada a partir de críticas feministas. (CARVALHO; RABAY, 2013, p. 25).

Entende-se que, apesar de todas as rupturas assumidas pela referida instituição – o IFPB – em relação aos padrões normalmente encontrados em cursos de interesse masculino, existem engrenagens do sistema patriarcal que transcendem os números e estão presentes nas relações acadêmicas e profissionais do dia a dia das alunas.

Vale ressaltar que não constam no sistema Suap os dados referentes aos anos de 2016 e 2017, o que pode significar uma variação nos números totais por gênero (Tabela 3). A atualização dos dados de 2019 tende a mostrar um aumento ainda maior de mulheres formadas no referido curso, uma vez que a turma de 2016 tem predominância feminina de mais de 55%.

Levando em consideração a constância dos números, não haveria, contudo, uma alteração tão significativa a ponto de mudar a linha de raciocínio seguida na presente pesquisa.

## 5 Conclusão

O estudo mostrou a escassez de projetos de pesquisa, extensão e de TCCs no IFPB – Campus Patos que tratem da questão de gênero. O *campus* pode ser considerado uma pequena amostra da sociedade, e essa deficiência é reflexo de uma lacuna social que atinge não apenas instituições de ensino, mas sim várias esferas sociais.

Os dados mostraram que houve predomínio feminino no ingresso no Curso Técnico em Edificações em relação ao ingresso dos homens em quase todos os anos do período analisado (2009-2019). Em termos gerais, as mulheres ocuparam a maioria das vagas ofertadas, todavia, para se entender o feminino frente às escolhas que encaminharam as estudantes para suas carreiras profissionais, deve-se evitar o apego a esse fato.

Essas mulheres são recém-saídas do Ensino Fundamental, uma vez que foi analisado apenas o Curso de Edificações Integrado ao Ensino Médio. Essa circunstância de obrigatoriedade em frequentar alguma das formações técnicas para poder cursar o ensino regular pode ter sido determinante no momento de ingresso na instituição.

Associada a esse fato, existe outra razão que influencia a presença feminina na determinada formação, que é a oferta de cursos voltados para áreas do conhecimento consideradas masculinas, fator altamente relevante para a escolha do curso.

Por fim, em relação ao ingresso feminino no curso em estudo, observa-se uma tendência de maior inserção feminina a partir do ano de 2012, o que pode levar para duas possibilidades de entendimento. A primeira é que houve um maior preenchimento total das vagas, decorrente do aumento gradativo de sua visibilidade na cidade de Patos e região, atraindo público de todos os gêneros. O segundo raciocínio baseia-se no próprio

empoderamento feminino que passou a ser amplamente discutido após a entrada de Dilma Rousseff na presidência do Brasil e a reflexão provocada por ela após essa conquista pessoal, política e social.

No que diz respeito à evasão, nota-se uma baixa taxa de desistentes/transferidos em números totais. A partir da observação de uma maior taxa de evadidos do gênero feminino, entende-se que existem barreiras que ainda não foram quebradas e que atrapalham, ou pelo menos influenciam a evolução institucional das mulheres. Esses problemas podem ser pedagógicos e, em parte, creditados aos professores engenheiros e afins que cercam o curso. Além disso, a predominância de evasão feminina certamente tem a ver com o ambiente altamente machista que está presente na construção civil.

O fato de que as mulheres ocuparam mais da metade das vagas do Curso de Edificações, no período de 2009 a 2019, mostra que, formalmente, as mulheres conquistaram todos os direitos pertinentes aos homens no IFPB – Campus Patos, trazendo assim um novo cenário para o que se espera de uma sociedade moderna. Para que esse contexto se torne uma realidade em todas as instituições de ensino, é preciso, contudo, que haja a conscientização popular a respeito do que foi aqui comentado.

A partir de todos os dados analisados, se concretiza a ideia de que é impossível pensar numa igualdade para homens e mulheres, nessa geração ou na próxima. Para que esse impossível se torne possível, talvez se possa partir do pressuposto de que a sociedade está em constante evolução. Mesmo assim, carece-se de tempo – e esse tempo se faz necessário para que se possa reconstruir a concepção de gêneros e seus papéis, que, infelizmente, ainda hoje, são pré-definidos.

No mais, o estudo mostrou o progresso da instituição no cenário de reestruturação social provocada por toda a onda feminista, que invadiu positivamente a política, o mercado de trabalho, a educação, a saúde e várias outras áreas onde persiste a segregação de gênero. Além do mais, contribuiu para o entendimento do comportamento de gênero no IFPB – Campus Patos, sendo pioneiro no que circunda o tema.

## Referências

ARAÚJO, Z. K. C. C. F. **Leituras literárias contemporâneas e crítica de gênero: signos de empoderamento, sororidade e empatia na escrita de Chimamanda Ngozi Adichie.** Projeto de pesquisa. IFPB, Campus Patos, 2019. [Consultado na Biblioteca do IFPB Campus Patos].

BELO, R. P. **Gênero e profissão: análise das justificativas sobre as profissões socialmente adequadas para homens e mulheres.** 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7006>. Acesso em: 3 mar. 2020.

BRASIL. **Decreto Federal nº 7.247, de 19 de abril de 1879.** Reforma o ensino primario e secundario no municipio da Côrte e o superior em todo o Imperio. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso em: 15 set. 2020.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Caderno de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>.

CANDEIA, B. L. **Diagnóstico rápido participativo através de ações integradoras no âmbito das relações de gênero, juventude e melhor idade, no distrito de Santa Gertrude, município de Patos-PB.** Projeto de Extensão. IFPB, Campus Patos, 2018. [Acesso *in loco* na Coordenação de Extensão do IFPB Campus Patos].

CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. L. F. **Gênero e educação:** apontamentos sobre o tema. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

FRIEDAN, B. **A mística feminina.** Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv62715.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2020.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo Técnico:** Censo da Educação Básica 2018. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_basica\\_2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2018.pdf). Acesso em: 20 jan. 2020.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça.** 4. ed. Brasília: IPEA, 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTANA, R. F. Algumas considerações sobre o feminismo. *In:* CRUZ, M. H. S; DIAS, A. F. (org.). **Educação e igualdade de gênero.** São Paulo: Paco Editorial, 2015.

SCOTT, J. W. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Recife: Educação e Realidade, 1995.

SILVA, R. S.; COSTA, B. S.; GOMES NETO, D. P. Análise dos alunos ingressantes no curso técnico em Edificações do Instituto Federal de Sergipe, Campus Lagarto. *In:* CONGRESSO NORTE E NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO (CONNEPI), 11., 2016, Maceió. **Anais [...].** Maceió: IFAL, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ifs.edu.br/biblioteca/handle/123456789/790>. Acesso em: 29 jan. 2020.